

Carta da Nel. Como tôdas as suas cartas: parte catecismo, parte crítica. Nunca vi quem fizesse retratos, quem comentasse um tipo familiar, como ela! Parece que os esprieta, de emboscada, que lhes vai na sombra... Sem o catecismo?... Mandad-me hoje também um artigo do Duf. Interessante pessoa! Lembro-me às vezes dêle. Mas faz-me pena vê-lo dar mostras de decadência... No entanto, o seu sinal de decair é a atitude mais humana, menos cerebral que lhe tenho conhecido.

Se êle soubesse, ou sonhasse

De um diário velho,

sões, mas por elas vislumbro um mundo rico, e talvez pródigo... O mundo dos outros.

O meu sentimento de insatisfação é o meu espinho! Vive enterrado em mim! Tudo me é escasso, escasso... menos a imaginação. Imaginação? Não! Tôdas as forças humanas, que seria tolo e impossível enumerar, Tu-

cortar pedra, de esculpir as violetas, de me demorar a copiá-las. Escrever é muito diferente, não tem exterioridade nenhuma, nem calma.

A casa vai estando mais triste. O sol mudou de janela.

//

M. publicou uma interessan-

e geral; mas sem piedade, sem favor...

Comnosco próprios somos cruéis! mas tudo nos é necessário.

Um só, um solitário, afinal, é sempre um exagerado e um curioso.

//

Vão passando os dias.

Sinto cada vez mais o gosto da introspecção complacente; um pudor e um culto pelas vagas razões, pelos vagos sentimentos...

preambular de outro

por JOÃO FALCO

que alguém pensa isto dêle, não deixaria de dizer, e talvez com veemência, que cerebral é atributo de humano...

Mas Duf tem sido inexgotável, poderoso! Podemos vasculhar às mãos ambas o seu saber e o seu discorrer que nunca nos cansamos! que sempre encontramos novo.

Mas êste homem que tão forte se julgava, entra a ser abalado, a fraquejar, a descêbrir as suas vaidades e os seus pesares... Gaba-se da sua beleza e dos seus passados triunfos mundanos! Será por isto que Nel me manda êste recorte da *Tribune*? Não! E que fôsse... Eu compreendo aquêlê descontentamento, aquêlê deixar-se amaneirar... compreendo-o e perdôo-lho!

Gaba-se, para confundir os mais novos, para lhes dizer que foi muito mais feliz e mais merecedor que êles! Sê-lo-ia... O seu talento, a sua beleza, o seu desembaraço, até a sua situação social lhe haviam de ter aberto clareiras entre os seus contemporâneos. Foi, por certo, a antítese do *alfenim*, o bem fadado e o bem dotado, mas viril.

E por isso hoje que se lamenta, embora dê um tom de desafio e de epicurismo às suas lamentações, e lhes inverte o espírito e a intenção, o olho com leal simpatia. Simpatia com a sua vaidade retintamente humana... simpatia com a sua fraqueza!

De todos os seus pensamentos acres, de todo o seu esforço probo e tenaz, útil, contínuo, de tudo isto, êste seu gesto... esta sua vaidade, quasi infantil, comove-me em extremo! Saúdede de um natural formoso, perdido, saúdede da juventude! Aquêlê: eu fui!...

Vaidade, és bem comunicativa. E's o mais quente, mais fecundo, o mais constante de todos os impulsos do homem.

//

Ama-se a vida? Ama-se... Através dos estimados e dos aborrecidos, dos torpes e dos bons... Chorando-nos, e até desejando a morte! desejando-a com teima, como único remédio para o desespero, para o desânimo...

Não sei se a vida é boa, nem se é útil; se é o melhor que poderia ser. Sei que me serve o sensível, e que se sofre desejo cegamente o consolo, o gozo!

Mas que gozo?

Não! Eu amo a vida ao invés dos outros, dos normais. Não a entendo, não a bendigo, não lhe sou grata, e não a renego! Amo-a pelo seu mal. Sim, sinto-me infinitamente curiosa dela...

Nutro-me de pequenas sensa-

do o que se sente que em nós existe, e que se ilude, que se não contenta.

//

Estar fechada numa casa, e ouvir os pássaros nas gaiolas, cá fora! Pode viver assim? Houve quem tivesse a coragem de mo perguntar, e com um ar indizível, de espanto gaiato, ou infantil.

Posso. E a gente não me desinteressa. Os seus contactos dão-me a ideia de que vivo.

De que nos vem, às vezes, a impressão de se existir e acompanhar, de estar relação com outros? Tanto no-la dá o bem como o mal, a grosseria como a delicadeza...

Viver só é triste, realmente.

Mas há momentos em que nos sentimos excedendo todos os interesses, desgarrados deles e dominando-os, e até sem correr mundo, nem vêr gente.

//

Que dias tão dramáticos tenho passado, calada! O meu pensamento, desordenado, desarticula o que eu suponho as minhas razões de amargura. Mas não as entende, bate cegamente contra elas.

A tristeza acanha-nos, todos nos aborrecem, repelimos e maltratamos.

Lí os versos da Feb. Esta mulher não embeleza os estados mortos do espírito, nela tudo é vida e agitação, debaixo da sua melancolia parnasiana há lascívia vibrante.

Se eu, bicho taciturno, soubesse um dia explicar a miséria do descontentamento... do incontentamento... dizer pelo que se pode desejar a morte, tanto e tão pouco!... dizer pelo que se sofre, sem nomes comuns, sem, razões batidas!

O mundo de infinita miséria, que é o da força corrompida, da bondade desperdiçada!

//

Pequei nesta pena e olhei para esta folha de papel, tão grande, que me parece que não a poderia encher.

Ai, não falar de mim! esquecer-me de mim própria! Precisa de não ser... o meu centro e periferia... E bem o desejava, mas a vida não mo tem consentido, cava rodas e rodas de solidão em torno de mim...

Ontem parece que sentia o peito esmagado, e ainda hoje.

Tenho ali umas violetas. Gostava de amassar barro, ou de

te novela; surpreendeu-me; estava longe de a esperar.

Que linguagem tão fresca! tão rápida e tão fácil! e em tôda a novela um fundo vivo de desejo e de negação... Abstraio do seu início e do seu fim; interessame o seu pequeno enredo emocional. E será talvez romântico; mas tem um gracioso idealismo, natural em jovens, como os seus protagonistas são.

A I., que comigo a leu ontem, depois de eu a ter já lido, notou a animação dos seus adjetivos. Achou que M. os manejava perfeitamente, que com uma simples palavra entrajava uma figura. Por exemplo, a palavra admirável. A rapariga pusera um chale admirável. Estava vestida com esta palavra! Era como o seu amoroso a achava: admirável.

Apesar dos seus terrores e inútil desenlace, tôda esta novela é um puro, explosivo, rendido louvor ao sonho, ao desejo... ao que se volatiliza, se destrói, ou se não atinge, aos deliciosos fantasmas efêmeros!

//

Dou por mim, de vez em quando, a olhar os homens e as mulheres com uma curiosidade indiscreta.

Estava ali, ontem, sentado na minha frente, um homem fátuo, de olhos cansados e grandes, que falava como um mestre, um mestre raro, para êste povo bruto, coitado! Mas era ignorante como as casas... Oferece folhetos da sua autoria, ri da triste indiferença geral, etc.

Eu olhava-o, e pensava: e tem sido ouvido! e é capaz de merecer interesse! A nossa gente é idiota!

Ainda agora esteve cá a Luisa. Saiu do hospital, julga-se melhor... Vem tratar da roupa da sua gente, dar jeito aquêlê filho... Quem a viu! Mostra uma tranqüilidade que nunca lhe conheci. Há um riso fixo nos seus olhos, que mete dó. Perdeu tôda a sua antiga animação. Pobre! Era ela, que falando do marceiro debaixo, dizia que êle tinha olhos geladores... Hoje já não o diria, nem o pensaria.

Falo-lhe suavemente e acho-a roubada, destituída de tôda a sua força. E' outra... Como se muda depressa! Que somos nós?

Vejo êste homem, esta mulher, e outros, e pretendo forçosamente criticar-me e descobrir-me neles... Projectar-me e reconhecer; em todo o particular

O' subtil sensibilidade, quanto mais arrefecida, mais justificada, e menos apreensível!

Aquêlê nôvo, aquêlê despertar frustre da minha sensualidade, incerta e cerebral, inconseqüente, exaustiva e inútil, parte, decái.

Não tenho pena, tenho... mau estar.

Como vinha eu, por esta rua, aqui há uns tempos? Que impressão de desastre, de vazio, de disparate, de desordem... Tôda a descrição é tôla. E tôla a coerência... De nós mesmos somos desconhecidos!

A " estranhou-me. Eu procurava-a para me não sentir só. E ao que ela atribuía o meu azedume... Como a estupidez aborrece!

//

Que haverá no mundo de mais banal e mais passageiro que o apetite do amor? Passageiro e repetido; incansável?

Noto que nos homens o desejo forte alterna com a indiferença, parece uma lei. E nas mulheres? Elas são ternas e exaltadas, e não desligam muito bem o sensual do sentimental. Eles é que são os verdadeiros exploradores do amor!

//

Sinto-me excessivamente egoísta, e fantasista! A solidão tira-me o travo e a noção dos males comuns. E caio numa espécie de pieguice ameninada e doentia. Tenho reconhecido, e não poucas vezes, que a grande desordem moral e o isolamento me infantilizam... me roubam o vigor e a naturalidade da expressão, me enfraquecem, até no gesto e na voz. Me dão um ar medroso, e amável...

Receio que o meu estado de inquietação se torne demasiado visível. Force certa gente, a cautela, a malévola, a curiosa e impiedosa, a pisar-me, a explorar-me, a ridicularizar-me! e a outra, a lamentar-me.

Vida! A minha vida não é bem um horto maninho, de má terra?

Houve dias, de quando? de ontem ou de há muitíssimos anos? em que eu procurava alegria, uma inocente e expansiva alegria... Hoje tudo me constrange, me desassocega e quasi aterra. A vida repele-me!

O meu desejo é de perguntar, não sei a quem: chama-se viver a isto, ao modo como eu vivo?

Que tristes horas tem um dia! Tão desacompanhadas e tão aflitivas! O inferno vive-se... e não é a violência da luta, nem dos

(Continua na página seguinte)